

Dossiê: *Cronotopos pandêmicos*: aproximações e leituras antropológicas sobre tempo e espaço durante e após a Covid-19



Organizadoras

Monica Franch

Rosamaria Giatti Carneiro

Sonia Weidner Maluf

Apresentação

Presentation

Monica Franch¹
Rosamaria Giatti Carneiro²
Sonia Weidner Maluf³

¹Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, PB, Brasil

²Universidade de Brasília, Brasília, DF, Brasil

³Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, Brasil

1 Introdução

Decorridos quatro anos da irrupção da pandemia de Covid-19, parece imperar uma certa sensação de esgotamento em relação a esse tema, que tanto mobilizou a comunidade antropológica, sobretudo nos anos de 2020 a 2022. Nesse período, a antropologia brasileira se engajou em redes de pesquisa nacionais e internacionais e produziu uma importante quantidade de artigos, livros e dossiês abordando as diversas dimensões do fenômeno pandêmico. O anúncio, por parte da Organização Mundial de Saúde (OMS), do fim da situação de emergência pandêmica no dia 5 de maio de 2023, justificado pela queda das mortes e de hospitalizações por Covid-19 após a campanha internacional de vacinação, funcionou mais como uma confirmação do que como uma autorização para o “retorno à normalidade”, que já vinha efetivamente acontecendo. A reabertura das escolas e das universidades, a retomada da indústria do turismo de massas, o retorno da sociabilidade nos bares e restaurantes, o abandono ou a franca diminuição do uso de máscaras cirúrgicas, a volta do Carnaval, dos *shows* e das festividades de rua, a diminuição drástica do *home office* são alguns dos sinais de que a pandemia já ocupa o terreno do esquecimento. Entretanto, a persistência de sintomas físicos e mentais, dentro e fora do quadro definido como “Covid longa”, a permanência da memória dos familiares das vítimas de Covid e suas reivindicações de políticas reparatórias anunciam, em contrário, uma história que está longe de ter se encerrado.

Este dossiê surge da compreensão de que os efeitos da pandemia para a vida social ainda ecoam e merecem ser mais bem compreendidos, sobretudo no que tange às transformações nas dimensões temporais e espaciais. O nosso objetivo é abordar os modos como noções, práticas e experiências de tempo e de espaço foram vividas durante a pandemia de Covid-19, bem como refletir sobre o alcance dessas possíveis mudanças na atualidade. Se por um lado, o mundo se viu conectado pela ameaça representada pelo



Este trabalho está licenciado sob CC BY-NC-SA 4.0. Para visualizar uma cópia desta licença, visite <https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/>

Apresentação

Sars-Cov-2, por outro, as interpretações, as práticas e as experiências nesse período foram diversas, espacial e temporalmente. Assim, é preciso olhar para as tendências de caráter mais geral que afetam a vivência do tempo e do espaço durante e após a pandemia, sem perder de vista os contextos específicos, etnograficamente apreendidos, em que as coisas se passaram (e se passam) de modos muito diferentes.

No que diz respeito ao espaço, a casa e a cidade foram bastante reconfiguradas, especialmente no primeiro ano de pandemia e durante os meses em que foi decretado isolamento social. O espaço da vida, por um lado, se viu drasticamente reduzido a alguns metros quadrados, a circulação de pessoas foi interrompida, as escolas foram fechadas, e popularizou-se o *home office*, o que comprimiu ou reajustou a experiência espacial para uma parte da população (Carneiro, 2024). Por outro lado, em diversos contextos periféricos e comunitários, o isolamento social restrito às moradias, na maior parte das vezes, não foi possível, sendo que comunidades e territórios específicos, como indígenas e quilombolas, tomaram medidas de isolamento e/ou de criação de barreiras sanitárias coletivas. Mas, mesmo nessas situações, o ir-e-vir também se viu abalado, com a suspensão do transporte público e pelo agravamento das situações de pobreza e de desemprego, configurando novos desenhos do espaço urbano.

Noções de proximidade e de distância foram reconfiguradas com a expansão da virtualidade e das conexões via internet, que permitiu àqueles que puderam ficar em casa (e que contaram com recursos para isso) intensificarem ou estabelecerem conexões com familiares, amigos ou com colegas de trabalho em lugares distantes. Em algumas áreas de atividade, como é o caso do trabalho acadêmico, esse estímulo à conectividade impulsionou a criação de redes de pesquisa e de colaboração a baixo custo, bem como resultou na normalização de práticas até então consideradas esporádicas ou emergenciais, como a participação *on-line* em bancas e reuniões de trabalho. Por outro lado, a proliferação de normas que buscavam estabelecer a distância segura entre os corpos em espaços e circunstâncias distintas (restaurantes fechados, mercados ao ar livre, reuniões familiares, fábricas, bares) revelou o caráter ameaçador da proximidade física. Se por um lado tínhamos casas cheias e corpos se esbarrando em espaços por vezes exíguos, por outro, o perigo da proximidade trouxe situações de solidão nos hospitais, nos cemitérios e na vivência cotidiana de muitas pessoas, sobretudo das mais idosas, deixando marcas que perduram até hoje.

O tempo, por sua vez, também sofreu compressões e alongamentos: o tempo do trabalho e o tempo do descanso; da rua e da casa; do escritório e da escola; o tempo político e o tempo religioso; o tempo da intimidade e o tempo da sociabilidade. Na dimensão do cotidiano doméstico, a sobreposição de tempos sociais afetou as divisões ordinárias entre temporalidades, gerando uma sensação de tempo contínuo e desordenado (Araújo; Castañeda-Rentería, 2021). A própria noção de passagem do tempo sofreu mudanças, sobretudo com o alongamento da experiência da pandemia no Brasil, provocado em grande parte pela retardo ou mesmo pela ausência de políticas efetivas de enfrentamento à crise sanitária. Durante o isolamento, vivemos o tempo da espera, da demora, da extensão da quarentena, mas também da urgência, que envolveu emergências médicas, de atendimento de pessoas adoecidas por Covid nos serviços de saúde e hospitais; a urgência de ações e políticas de saúde e de adoção de medidas de proteção individual e coletiva; a urgência de

compreensão desse evento crítico e de seus impactos sociais e subjetivos, que mobilizou as várias áreas do conhecimento, as agências de fomento e o redesenho dos programas e projetos de pesquisa em andamento no período (Maluf, 2022a).

Após mais de quatro anos da irrupção da pandemia¹, temos hoje a percepção de que diferentes experiências de tempo e de espaço foram vividas. De um lado, vigora uma sensação de que o tempo não passou e de que vivemos uma espécie de eclipse e mesmo circularidade temporal e, de outro, se impõe uma percepção estendida do tempo, a partir da intensificação ou mesmo do espessamento da experiência vivida. A pandemia tornou-se um marco temporal, para se referir aos eventos que aconteceram durante e depois: “Depois da pandemia, isso mudou [...]”; “Desde a pandemia [...]”, “Com a pandemia [...]”. O interessante é que, nessas figurações, a pandemia aparece como um bloco estanque, homogêneo, como se tivesse sido uma experiência coesa e uníssona: no tempo da pandemia.

Se, de uma forma, o espaço da vida cotidiana durante a pandemia encolheu ou se restringiu aos limites da segurança sanitária e da evitação do contágio, de outra forma, a dimensão planetária da crise levou a uma percepção alargada e vasta do mundo. Passados quatro anos, há quem lamente a saída do *home office* ou então quem prefira fortemente a presencialidade. Há quem fale da pandemia e quem não queira falar. Existe um véu de normalidade aparente, que, justamente como tal, pode também apontar para situações de trauma, daquilo que não se quer lembrar e do que não se dá conta de suportar; mas também expor o fato de que, para muitas pessoas, a pandemia foi uma experiência da ordem do ordinário, tamanha a sua vulnerabilidade e desproteção social.

Certamente, essas vivências de tempo e de espaço estiveram marcadas pelos contextos sociais em que se vivenciou a pandemia, refletem desigualdades e marcadores sociais. Refletir sobre tempo e o espaço torna-se fundamental para entender as diferentes experiências sociais da pandemia e as desigualdades que marcaram o enfrentamento dessa crise sanitária no Brasil.

Tempo e espaço são categorias bastante tematizadas pela antropologia (Carsten; Hugh-Jones, 1995; Munn, 1992; Gell, 2014; Fabian, 2013 [1983]), que nos permitem discutir mudanças e continuidades na vida social e na experiência vivida. A irrupção de um “evento crítico” (Das, 1995) como a pandemia de Covid-19, ao ensejar importantes alterações espaço-temporais, atua ao mesmo tempo como catalizador e acelerador de tendências em curso, como também possibilita o surgimento de arranjos criativos, resultado de situações contingentes e provisórias. Ao chamar para a *Ilha – Revista de Antropologia* um dossiê sobre esses assuntos, nos inspiramos na categoria de cronotopo, proposta pelo filósofo e crítico literário Mikhail Bakhtin (1998). O cronotopo (literalmente tempo-espaço) bakhtiano traduz a indissociabilidade das dimensões espaço-temporais no campo literário. Ao trazer esse conceito para a antropologia e, especificamente, para a compreensão da pandemia e de suas reverberações, buscamos evidenciar como muitas das situações que experimentamos no período pandêmico afetaram simultaneamente tempo e espaço. As narrativas, os discursos, os relatos de todo tipo e as produções estéticas sobre a experiência da pandemia nos mostram como os diferentes regimes,

¹ Declarada como pandemia pela Organização Mundial da Saúde (OMS) em 11 de março de 2020.

configurações e intensidades de tempo e de espaço são indissociáveis: os tempos da experiência pandêmica estão inteiramente articulados aos espaços e territórios em que essa experiência foi vivida. O cronotopo (espaço-tempo) articula os diferentes dramas, enredos e sentidos dados à experiência individual e coletiva da pandemia.

No campo das ciências sociais, tão logo se inicia a pandemia, redes de pesquisa se formaram para pensar coletivamente, e, a partir de realidades locais e de temáticas específicas, os impactos e os desdobramentos sociais de uma crise sanitária, e no caso brasileiro também política, de tal porte. As organizadoras deste dossiê participam da organização e da coordenação de duas iniciativas que envolveram diversas instituições, programas de pós-graduação e grupos de pesquisa brasileiros: as redes *Antropo-Covid* e *Ecos da Pandemia*. Entre os resultados da primeira, estão diversos trabalhos, artigos e capítulos publicados em coletâneas e em revistas da área²; organização de dossiês (incluindo este da *Revista Ilha*)³ e a publicação da coletânea *Antropologias de uma pandemia* (Maluf *et al.*, 2024)⁴. Nas publicações, apresentações e eventos organizados pelas redes, foram apresentados os resultados de pesquisas em múltiplas temáticas no campo da antropologia e das ciências sociais, envolvendo também estudantes de pós-graduação e graduação, que carregarão como marca e contexto de sua formação – e experiência de vida – os anos (e o tempo) da pandemia.

2 Dos Artigos e suas Temporalidades

Buscamos neste dossiê atrair contribuições que nos permitissem compreender melhor os contornos e os sentidos das transformações espaço-temporais que ocorreram em diferentes contextos ao longo e após a crise deflagrada pela pandemia da Covid-19. Os artigos do dossiê, alguns advindos de pesquisas etnográficas e outros de perfil mais ensaístico, trazem diferentes dimensões dos cronotopos da pandemia, a partir da gestão pública e das vivências dos e das trabalhadoras da saúde; das tarefas de cuidado e sua sobrecarga durante a pandemia, envolvendo principalmente as mulheres e a tensão temporal (ou de falta de tempo) diante da multiplicação de tarefas; das estratégias de manutenção das atividades de ensino em seus vários níveis, da escolarização de deficientes ao ensino universitário, dos atravessamentos com outras doenças e vulnerabilidades e das reconfigurações do espaço e da circulação-mobilidade; das relações entre crises climáticas e sanitárias e as transformações, reconfigurações retóricas da urgência nas narrativas sobre emergência climática.

O artigo de Rafaela Porcari e Marcia Longhi, “*Gestão em Saúde Mental: nós e os alinhamentos em tempos de urgência*”, aborda a vivência do tempo pandêmico a partir de

² Além dos artigos e capítulos publicados nos dossiês mencionados e nas coletâneas, organizados pelas redes de pesquisa, também foram publicados (breve seleção): Franch *et al.* (2022), Neves *et al.* (2022), Maluf (2021, 2022a, 2022b, 2022c), Carneiro e Gaitan (2023) e Carneiro e Maluf (2023).

³ Dossiês: “Antropologia de uma sindemia”, na *Revista Áltera* (UFPB), n. 14, 2022, disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/altera/article/view/65008>; “Gênero e Covid-19”, na *Revista Pós* (UnB), v. 17, n. 1, 2022, disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/revistapos/issue/view/2459>; “Antropologia da saúde na pandemia da Covid-19: reflexões teóricas, metodológicas e éticas”, na *Revista Equatorial* (UFRJ), v. 11, n. 20, 2024, disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/equatorial/issue/archive>.

⁴ Que pode ser acessado em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/254302>.

narrativas de trabalhadores(as) da gestão pública em saúde mental nos primeiros meses da pandemia no Estado da Paraíba. A partir de entrevistas com Tábata, Sérgio, Ana, Marília e Leandro, as autoras problematizam os desencontros entre o poder público local e o poder federal, exploram a importância da criatividade e da experiência daqueles que aplicam as “políticas públicas nas pontas” e que valorizam o projeto “ético-político” no campo da saúde mental. Para isso, valem-se expressamente da ideia de cronotopo, dando destaque para o tempo que se constitui a partir do espaço e para como o espaço afeta a experiência do tempo, em movimentos ascendentes e descendentes. O artigo nos instiga a pensar, como comentam as autoras, que “a gestão é feita de e por pessoas”, com suas marcas subjetivas, resistências e arranjos locais e que, mesmo em contextos macropolíticos tão adversos e negacionistas, viu-se essa capacidade de agência, que “dá carne” tanto a experiência do tempo, quanto do espaço. O artigo “*Para mim não há tempo: cuidado, tensões temporais e sofrimentos femininos em meio à pandemia de Covid-19*”, de Luana Papelbaum Micmacher, Laura Rebecca Murray e Camilo Barbosa Venturi, explora narrativas de sofrimento psíquico decorrentes de conflitos temporais de mulheres da Zona Norte da cidade do Rio de Janeiro durante a pandemia de Covid-19. O material de campo foi coletado durante o estágio da graduação em Psicologia da primeira autora, na Clínica da Família da Zona Norte da cidade, durante 2021 e 2022. Tomando as histórias de Kátia, Vera, Leia e Lúci, o artigo discute as dissonâncias entre o “tempo do relógio” e o “tempo do cuidado” e destaca como a pandemia para muitas mulheres não representou algo novo, haja vista já se encontrarem sobrecarregadas com o trabalho reprodutivo e sua completa invisibilidade social. Para tanto, dialoga de maneira muito interessante com a bibliografia mais atual sobre o cuidado e a reprodução social, explorando a paralisia dos corpos de mulheres que tudo suportam caladas e daquelas que têm o desejo de desaparecer e que se sentem invisíveis, costurando o sofrimento psíquico ao físico e à dinâmica social mais ampliada. Em suas páginas, vemos como as mulheres são hodiernamente comprimidas temporalmente pelo cuidado e como isso tem sido a raiz de seus sofrimentos e que o não dito e o não narrado dizem muito a partir de seu próprio silenciamento.

Em “*Doença de Alzheimer e Cuidados Possíveis em Contexto Pandêmico*”, Renata Moraes de Machado e Rachel Aisengart nos colocam diante da discussão sobre “o melhor cuidado” e “o melhor cuidado possível”, partindo de sua investigação entre filhas de mulheres com Doença de Alzheimer em camadas médias na cidade do Rio de Janeiro. O artigo nos apresenta Beth, uma mulher de 67 anos, que, diante da pandemia e do medo de que sua mãe contraísse o vírus, se muda para a casa da mãe, rompe com os contratos dos cuidadores e sente-se extremamente sobrecarregada. Situação essa que a faz ao final refletir sobre o “melhor cuidado”, obedecer à diretriz do isolamento social, o cuidado consigo mesma ou a manutenção dos estímulos cognitivos. De outro lado, Tatiana decide manter práticas de estímulos de sua mãe, a despeito das recomendações da OMS, dando prioridade a outra ideia de cuidado. Diante de situações tão diferentes, vemo-nos diante da polissemia do melhor cuidado e dos dilemas morais vivenciados por aqueles que, em tese, poderiam cuidar, mas não o fazem em virtude de priorizarem a si mesmos.

Em “*Deficiência, Tempo e Cuidado em narrativas sobre escolarização formal durante a pandemia da Covid-19*”, Jéssica Nunes da Silva olha para as famílias, as crianças com deficiência e os educadores de Educação Inclusiva que, durante a pandemia, se viram às

voltas com o ensino remoto. A autora começa questionando a relevância de ainda se olhar para a pandemia a partir do presente e de refletir sobre essas muitas temporalidades. A pesquisa de campo aconteceu em Porto Alegre e região metropolitana, entre 2020 e 2022, com quatro instituições de ensino e trouxe à baila conceitos como a “temporalização” ou o “tempo processo” para pensarmos sobre as singularidades da temporalidade para as crianças com deficiência e de seus cuidadores. Esse grupo de pessoas colocava em questão a ideia de que aquele “era o novo normal” e de que o ensino remoto era a melhor alternativa, posto que esse ensino foi ponto de desregulação de muitas crianças e de extrema sobrecarga para muitos cuidadores, tantos familiares como professores. No limite, pensar sobre o futuro foi um desafio para aqueles que foram entrevistados, mas também para a ideia de uma escola verdadeiramente anticapacitista.

Em seguida, tem-se o artigo “*A Dança como Gesto de Escuta: estratégias pedagógicas em um curso universitário durante a pandemia da Covid-19*”, de Maria Acselrad, que explora o recurso de “audioaulas” em tempos pandêmicos em um curso de graduação de Dança, que, assim como tantos outros, passou a acontecer de modo virtual. Por meio de entrevistas com os estudantes que participaram da experiência, o texto explora o corpo como território dos sentidos, território político e território cultural. A discussão sobre audição como um sentido que, de uma forma, promove a interioridade e, de outra forma, promove uma abertura para o outro se articular com as reflexões sobre o contexto pandêmico e a dimensão de catástrofe.

“*Emergência Climática, Natureza e os Trabalhos do Tempo: ruminções sobre uma pandemia*”, de Fernando José Ciello, fecha o ciclo de artigos deste Dossiê, redirecionando nosso olhar para um debate sobre a noção de tempo difundida por vídeos sobre o clima e a pandemia de Covid-19 na internet. Para tanto, o autor recorre ao diário de campo de observações feitas entre 2020 e 2022 nas redes sociais. Em quatro vídeos diferentes, o autor identifica a ideia de tempo urgente e de tempo de agir em prol da natureza, de alguma maneira propiciados pela pandemia e seus efeitos sociais. Por isso, segundo ele, “[...] a pandemia funciona como um operador discursivo que permite evidenciar a passagem do tempo no campo ambiental”. O tempo ali não aparecia de maneira objetificada, mas como produto das relações sociais mediadas com o meio ambiente. Nesse sentido, os seres humanos encontravam-se envoltos em tempos particulares, mas também num tempo comum: o tempo da pandemia, para, assim, concluir pela inexistência de um tempo passado, presente e futuro, pela importância de ainda refletirmos sobre a pandemia e o clima, na interface com o pensamento neoliberal e suas muitas idas e vindas no que tange às caracterizações de tempo.

Por fim, existem a honra e a grata possibilidade de encerrar este Dossiê com uma entrevista que realizamos com Emília Araújo, socióloga portuguesa referência no mundo sobre os estudos sobre o tempo. Nessa oportunidade, Mónica Franch e Rosamaria Carneiro conversaram com Emília buscando reconstruir sua trajetória de estudos e o próprio campo internacional dos estudos sobre o tempo, sobretudo publicações e associações, para – ao final – a questionarem sobre os usos do tempo na pandemia. E, mais ainda, sobre os impactos da pandemia nas leituras sociais de tempo a partir daquele momento e dos anos que sucederam sua fase mais crítica. Essa entrevista nos levou ao debate

sobre usos do tempo, gênero, cansaço e exaustão, pontos tão marcantes dos trabalhos antropológicos sobre a pandemia no Brasil e no mundo.

Feita essa breve exposição do que lhes espera nas próximas páginas, desejamos que apreciem a leitura e que este Dossiê funcione como um registro histórico e analítico de importante temática antropológica. Estamos convencidas da importância do tema e do campo aqui enaltecidos para a teoria produzida a partir da etnografia em tempos de crise.

Referências

- ARAÚJO, Emília; CASTAÑEDA-RENTERÍA, Liliana iBeth. El tiempo y las pandemias: reflexiones sobre la crisis del tiempo. **Arxius**, [s.l.], n. 45, p. 67-82, dezembro, 2021.
- BAKHTIN, Mikhail. Formas de tempo e de cronotopo no romance: ensaios de poética histórica. In: BAKHTIN, Mikhail. **Questões de literatura e estética: a teoria do romance**. São Paulo: Hucitec, 1998. p. 211-262.
- CARNEIRO, Rosamaria Giatti; GAITAN, Ana Cecília . Os impactos da pandemia de COVID-19 na prática dos direitos sexuais e reprodutivos na América Latina. **Cadernos Ibero-Americanos de Direito Sanitário**, [s.l.], v. 12, p. 10-13, 2023.
- CARNEIRO, Rosamaria Giatti; MALUF, Sônia Weidner . A mãe carinhosa. **Atlânticas – Revista Internacional de Estudos Feministas**, [s.l.], v. 8, p. 259-294, 2023.
- CARSTEN, Janet; HUGH-JONES, Stephen. **About the House: Lévi-Strauss and Beyond**. Londres: Cambridge Un. Press, 1995.
- DAS, Veena. **Critical Events: An Anthropological Perspective on Contemporary India**. Oxford Universidade de Oxford, 1995.
- FABIAN, Johannes. **O tempo e o outro: como a antropologia estabelece seu objeto**. Petrópolis: Vozes, 2013 [1983].
- FRANCH, Mónica. *et al.* Dossiê etnografias de uma sindemia: a covid-19 e suas interações. **Áltera – Revista de Antropologia**, [s.l.], v. 1, p. 1-5, 2022.
- FRANCH, Mónica *et al.* Antropólogas em pandemia: algumas reflexões metodológicas. In: LONGHI, Marcia Reis; TELLA, Marco Aurélio Paz; GOLDFARB, Maria Patricia Lopes. (org.). **Antropologias, diversidades e urgências: 10 anos de pesquisa no PPGA-UFPB**. 1. ed. João Pessoa: Editora da UFPB, 2022. v. 1. p. 96-111.
- GELL, Alfred. **A antropologia do tempo: construções culturais de mapas e imagens temporais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.
- MALUF, Sônia Weidner. Janelas sobre a cidade pandêmica: desigualdades, políticas e resistências. **Tomó**, UFS, v. 38, p. 251-285, 2021.
- MALUF, Sônia Weidner. Antropologia em tempo real: urgências etnográficas na pandemia In: RAMIRO, Patricia; FRANCH, Mónica; AMORIM, Ninno (org.). **Ciências sociais em debate: crise e crítica social em tempos da Covid-19**. 1. ed. João Pessoa: Ed. UFPB, 2022a. v. 1. p. 181-197.
- MALUF, Sônia Weidner. Ensinar antropologia em tempos sombrios. **Ilha – Revista de Antropologia**, Florianópolis, v. 24, p. 117-134, 2022b.
- MALUF, Sônia Weidner. Pandemia e as ligações perigosas entre neoliberalismo e neofascismos In: VEIGA, Ana Maria; VASCONCELOS, Vania Nara Pereira; BANDEIRA, Andréa. **Das Margens: lugares de rebeldias, saberes e afetos**. 1. ed. Salvador: EdUFBA, 2022c. v. 1. p. 437-449.

Apresentação

MALUF, Sônia Weidner *et al.* (org.). **Antropologias de uma Pandemia**: políticas locais, estado, saberes e ciência na Covid-19. Florianópolis: Edições do Bosque, 2024. 467p.

MUNN, Nancy D. The cultural Anthropology of Time: a Critical Essay. **Annual Review of Anthropology**, [s.l.], v. 21, p. 93-123, 1992.

Monica Franch

Doutora em Antropologia (PPGSA-UFRJ), professora da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), coordenadora do Grupo de Pesquisa em Saúde, Sociedade e Cultura (GRUPESSC). Bolsista de Produtividade em Pesquisa 2 pelo CNPq.

Endereço profissional: Departamento de Ciências Sociais, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal da Paraíba, Câmpus Jardim Cidade Universitária, João Pessoa, PB. CEP: 58050-585.

E-mail: monicafranchg@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3845-3841>

Rosamaria Giatti Carneiro

Doutora em Ciências Sociais (PPGCS-Unicamp), professora da Universidade de Brasília (UnB), coordenadora do Grupo de Pesquisa CASCA (Coletivo de Antropologia e Saúde Coletiva). Bolsista Produtividade em Pesquisa pelo CNPq.

Endereço profissional: Departamento de Saúde Coletiva, Universidade de Brasília, Câmpus Darcy Ribeiro, Asa Norte, Brasília, DF. CEP: 70000-000.

E-mail: rosacarneiro@unb.br

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1271-7645>

Sonia Weidner Maluf

Doutora em Antropologia Social e Etnologia (École des Hautes Études en Sciences Sociales, França, 1996). Professora Titular aposentada da UFSC, docente permanente do PPGAS-UFSC. Coordenadora Executiva do INCT Brasil Plural (CNPq) e do Núcleo de Antropologia do Contemporâneo (Transes/UFSC). Pesquisadora 1b do CNPq.

Endereço profissional: Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Centro de Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Câmpus Trindade, Florianópolis, SC. CEP: 88040-970.

E-mail: soniawmaluf@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9222-4348>

Como referenciar esta apresentação:

FRANCH, Monica; CARNEIRO, Rosamaria Giatti; MALUF, Sonia Weidner. Apresentação. **Ilha – Revista de Antropologia**, Florianópolis, v. 26, n. 3, e103711, p. 6-14, setembro de 2024.